



ABRAPSO EDITORA

# OFICINANDO EM REDE

## CO-HABITAR

# TEMPOS IMPOSSÍVEIS

ORGANIZAÇÃO

Vanessa Maurenre e Cleci Maraschin

# **OFICINANDO EM REDE CO-HABITAR TEMPOS IMPOSSÍVEIS**

ORGANIZAÇÃO

Vanessa Maurenre

Cleci Maraschin



**ABRAPSO EDITORA**

Florianópolis - 2023



ABRAPSO EDITORA

**Editora Geral**

Andrea Vieira Zanella

**Editora Executiva**

Ana Lúcia Brizola

**Conselho Editorial**

Ana Maria Jacó-Vilela – UERJ

Andrea Vieira Zanella - UFSC

Benedito Medrado-Dantas - UFPE

Conceição Nogueira – Universidade do Minho - Portugal

Francisco Portugal – UFRJ

Lupicinio Íñiguez-Rueda – UAB - Espanha

Maria Lúcia do Nascimento - UFF

Pedrinho Guareschi – UFRGS

Peter Spink – FGV



A Editora da ABRAPSO adota a licença da Creative Commons CC BY:

**Atribuição-NãoComercial-SemDerivados - CC BY-NC-ND:**

Esta licença é a mais restritiva das seis licenças principais, permitindo que os outros façam o download de suas obras e compartilhem-nas desde que deem crédito a você, não as alterem ou façam uso comercial delas.

Acesse as licenças: <http://creativecommons.org/licenses/>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Oficinando em rede [livro eletrônico] : co-habitar  
tempos impossíveis / organização Vanessa Soares  
Maurente , Cleci Maraschin. -- 1. ed. --  
Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023.  
PDF

Bibliografia.  
ISBN 978-65-88473-25-2

1. COVID-19 - Pandemia 2. Educação 3. Psicologia  
educacional 4. Políticas públicas 5. Saúde mental  
I. Maurente, Vanessa Soares. II. Maraschin, Cleci.

23-172617

CDD-370.15

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicologia educacional 370.15

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*Realização*



*Financiamento*



*Apoio*



*Projeto gráfico: Arnaldo Bublitz*

*Imagem de capa: Ali do Espírito Santo*

*Design de capa: Ali do Espírito Santo e Arnaldo Bublitz*

# **NARRATIVAS DE ABORTO NA WEB:**

## **CONSTRUINDO COLETIVAMENTE**

### **ESTRATÉGIAS DE CUIDADO**

*Talita Gonçalves Monteiro*

*Laís Vargas Ramm*

*Cleci Maraschin*

*Rosemeri Völz Wille*

## **INTRODUÇÃO**

Para além do âmbito público e das políticas de governamentalidade, as questões de abortamento estão presentes na vida das mulheres e colocam-se no íntimo das relações, emergem como velhas conhecidas: na história de uma mãe, tia ou amiga; nas rodas de conversa; no “diz que me diz”; nas trocas de chás e em um saber-fazer feminino de povos antigos ou contemporâneos; nas conversas e trocas de experiências em uma espécie de coletivização do cuidado.

Enquanto assunto público, o tabu que circunda as discussões sobre aborto toma outras proporções, torna-se apartado da história que o conduz e envolto por signos de uma mulher feita para a maternidade e por uma moral religiosa que estrutura as discussões sobre a temática. A recusa a esse papel faz com que a mulher seja tomada e se tome como falha, como imperfeita, como o avesso daquilo que a distinguiria dos homens: a capacidade de gerar filhos e de possuir um amor materno incondicional.

Esse tabu torna a interrupção da gravidez indisponível, no Brasil — e em muitos outros países —, como procedimento de saúde, mas não impede que o aborto induzido ou provocado aconteça. As narrativas de aborto e pesquisas sobre a temática apontam que o procedimento faz parte, de maneira significativa, da história de vida de muitas pessoas. Esse cenário foi evidenciado em pesquisa realizada, em 2016, por Diniz, Medeiros e Madeiro, por meio de um levantamento domiciliar com o método da urna — que garante o anonimato das participantes.

Os resultados indicam que o aborto é um fenômeno frequente e persistente entre as mulheres de todas as classes sociais, grupos raciais, níveis educacio-

nais e religiões: em 2016, quase 1 em cada 5 mulheres, aos 40 anos já realizou, pelo menos, um aborto. Em 2015, foram, aproximadamente, 416 mil mulheres. Há, no entanto, heterogeneidade dentro dos grupos sociais, com maior frequência do aborto entre mulheres de menor escolaridade, pretas, pardas e indígenas, vivendo nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Como já mostrado pela PNA 2010, metade das mulheres utilizou medicamentos para abortar, e quase a metade das mulheres precisou ficar internada para finalizar o aborto. (Diniz, Medeiros, & Madeiro, 2017, p. 653)

O aborto é também um tema recorrente na obstetrícia, com uma taxa de 15% das gestações terminadas em aborto espontâneo e sendo essa a terceira maior causa de morte materna no Brasil. Apesar disso, a temática ainda possui pouco espaço nos currículos das graduações em saúde, principalmente os casos de interrupções voluntárias por agravos diagnósticos ou jurídicos, pelo modo como essa temática é encarada moralmente (Mattar, 2012).

No Sistema Único de Saúde (SUS), o acesso ao aborto legal (em decorrência de estupro, risco de morte materna e fetos anencefálicos) e a efetivação de estratégias de redução de danos, em caso de aborto provocado, ainda são dificultados. A organização não governamental de direitos humanos chamada “*Artigo 19*”, que atua em nível mundial com o intuito de impulsionar diferentes pautas relacionadas à liberdade de expressão e à informação, lançou em 2019 um relatório sobre acesso à informação e direito ao aborto nos casos previstos em lei, consolidando os dados de uma pesquisa telefônica realizada com 176 hospitais públicos de todo Brasil. Destacou-se que apenas 43% (76 hospitais) afirmaram realizar a interrupção da gestação nos casos previstos em lei, quando, na verdade, todos os serviços de saúde pública deveriam efetivar esse e outros direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

Sabendo disso, buscamos por espaços possíveis de compartilhamento do cuidado, quando a rede de saúde não consegue acolher a demanda e se torna um espaço de vitimização. O que as mulheres fazem quando estão em sofrimento diante de uma gravidez indesejada?

Desde de rodas de conversas feministas sobre direitos reprodutivos até as páginas da *web*, o que mais chamou atenção no percurso da procura foi a capacidade das mulheres se ajudarem: uma prestação mútua no cuidado e no compartilhamento, que são comuns nos relatos; o apoio nessas situações vinha de mães, irmãs, amigas, cunhadas, vizinhas e conhecidas. Desde as indicações de procedimentos e receitas, o acolhimento às mulheres, em grande parte dos casos com os quais tivemos contato, vinha de outras mulheres.

Para a escrita deste trabalho, acessamos narrativas de mulheres em ambientes virtuais que oferecem espaços de compartilhamentos, no exercício de “contar sua história,” construindo caminhos dialógicos com abertura ao cuidado

e à coletivização de aspectos da gravidez e do aborto, sendo esse um recorte de uma dissertação, defendida em janeiro de 2020, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal de Porto Alegre (Monteiro, 2020).

Buscamos nas narrativas resgatar um processo autogestionário da partilha nesses espaços de troca, onde seja possível pensar a problemática fora do drama pessoal, como um modo de coletivizar, por meio das trocas na *web*, as demandas e afirmar uma outra maneira de cuidado, em temas como a reprodução, pautada principalmente nas experiências cotidianas. Sustentamos também um olhar para esse sítio da *web* como uma ferramenta de efetivação de estratégias de redução de danos, uma vez que fornece, para quem o acessa, informações confiáveis acerca das dimensões de cuidado e risco do procedimento.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Construímos, ao longo deste trabalho, um caminho cartográfico, inspirando em Rolnik (2011), buscando, nas narrativas compartilhadas de mulheres, indícios que indicavam, movimentavam e redesenhavam a maneira como vivenciavam mundos. O recorte cartográfico apresentado neste texto surge antes dele, começa com as pistas recolhidas dos depoimentos que ouvimos e lemos neste tempo de pertencimento ao campo da Psicologia e na vida como mulheres. As narrativas das mulheres na *web* formam uma ponte, dentre tantas outras, onde avistamos um caminho possível para entender e inventar modos de cuidarmos umas das outras.

Com isso, caminhamos por narrativas de aborto provocado retiradas de um sítio da *web*: o site *Women on Web*. A escolha desse território digital se deu pelo acesso público de seu conteúdo e pela característica que carrega: de oferecer um espaço de ajuda às mulheres através do compartilhamento de narrativas. As narrativas escritas em português foram colhidas no período entre junho de 2018 a junho de 2019.

Haraway (2016) compara o contar histórias ao jogo de cordas cama de gato para pensar práticas e pensamentos que engajam os participantes a produzir e compartilhar experiências.

Figuras de cordas são como histórias; elas propõem e enatam padrões para os participantes habitar, de alguma forma, em uma terra vulnerável e ferida. [...] Assim, procuro histórias reais que também são fabulações especulativas e realismos especulativos. Estas são histórias nas quais jogadores multi-espécies, que estão enredados em translações parciais e falhas e, por meio de suas diferenças, refazem formas de viver e morrer, sintonizando um ainda possível florescimento finito, ainda uma possível recuperação. (Haraway, 2016, p. 10)

Embora a autora esteja se referindo a histórias nas quais se engajam diferentes espécies, pensamos ser possível tomar de empréstimo essa ideia para compreender as narrativas trocadas entre mulheres. As histórias compartilhadas no site que escolhemos, ao serem publicizadas pela rede, podem ser tomadas como um jogo de cordas no qual algo é entregue para que outro o modifique.

Compartilhar histórias é abrir a possibilidade de criar outros sentidos, de explorar outras versões de si. A construção de sentidos se dá justamente quando a narrativa força a vivência a tornar-se experiência. Uma experiência compartilhada lança pontos de conexão a novos laços coletivos e não reafirma, necessariamente, posições egóicas e narcísicas. O partilhamento de narrativas é concebido, neste caso, sobre o ponto de vista do cuidado.

## **NARRATIVAS**

Ninguém possui a mesma história, ninguém sabe as mesmas coisas. Haveria uma singularidade, uma identidade específica dos indivíduos que se definiria pelo que eles sabem, como uma impressão digital, um rosto trabalhado pela experiência. (Authier & Levy, 1995, p.100)

No tempo de imersão em ambientes virtuais para o desenvolvimento desta pesquisa, mapeamos pistas para a partilha pautada na potencialidade comunitária. Há, nos grupos e ambientes virtuais de apoio, um encaixe para o que Lévy (2007) nomeia de um novo espaço antropológico, o da inteligência e do saber coletivos. Nesse espaço, a velocidade das informações redesenha a maneira como o saber é pautado, e a capacidade de imaginação coletiva, ou tudo aquilo que se constrói junto para organização e criação das estruturas de comunicação, atualiza constantemente o espaço real transitório do conhecimento. Assim, não somente a capacidade cognitiva, mas a de cooperação é o que faz a diferença no operar das comunidades.

Apostamos na criação de laços sociais que extrapolam a demografia circunscrita à cultura e à geografia, nas comunidades denominadas transfronteiriças (Lévy, 2007), unidas por um problema compartilhado, que pode ser tratado como um problema de ordem individual, mas que é também coletivo, na medida em que as questões perpassam várias culturas, de modos distintos, mas que ainda constituem um comum. O autor fala de grupos que se organizam constantemente e nos quais todos podem participar das negociações, um coletivo inteligente em tempo real para a resolução de problemas e o compartilhamento de saberes.

Como eixo estruturante desta pesquisa, usamos narrativas de um sítio da *web* que, diferentemente da ideia apontada por Lévy, não carrega a característica de partilhamento simultâneo, uma vez que funciona com administradores visíveis

fixos que organizam e disponibilizam os relatos e trocas. Esses administradores são as organizações em defesa do direito ao aborto que atuam em nível global (*Womam on web*). No entanto, ao acessar as narrativas disponibilizadas, nota-se que, mesmo com narrativas assíncronas — nesse sítio específico —, existe o convite ao diálogo, pois muitas das narrativas disponibilizam outras formas de contato por e-mail ou mensagem:

[s]e você precisar de alguém pra conversar estou aqui pra escutar, não vou te convencer a abortar ou não, essa decisão é sua, mas posso te entender e te apoiar [...] me manda um e-mail: xxx@xxx.com. (História 1 - *Women on Web*)

A narradora faz um convite à expressão colocando-se em uma posição de escuta sem julgamentos e constituindo-se como um apoio. Assim, disponibiliza esse padrão — expressão-escuta — para que alguém possa tomá-lo e produzir uma outra narrativa com ele. Mesmo com a enunciação de novos espaços para trocas reais, como no caso da mensagem acima, optamos, nesta pesquisa, pelo recorte do conteúdo daquilo que é trocado entre as usuárias do site e da importância desses espaços *on-line* como produtores e coordenadores da inteligência (Lévy, 2007).

Tais espaços atuam, por meio da tecnologia, como ampliadores dos fazeres e dos afetos das mulheres sobre seu corpo, bem como exprimem uma ativa manifestação de cuidado e trocas de vivências para quem procura auxílio no site. As narrativas, nessa perspectiva, contêm uma inteligência na qual

[n]inguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo saber se encontra na humanidade. Não existe nenhum reservatório de saber transcendente e o saber não é nada além do que as pessoas sabem. (Lévy, 2007 p. 29)

A escolha de circunscrever a pesquisa às narrativas do *site Women on Web* ocorreu para resguardar grupos em tempo real, sabendo que toda a pauta por direitos tem se tornado uma disputa no campo da moral. Mesmo assim, é importante ressaltar a importância e a potência desses espaços simultâneos para troca de saberes e cuidado na resolução de conflitos.

Nos tempos de imersão no percurso da pesquisa, foi possível presenciar pessoas de culturas diversas atuando como potencializadoras da construção coletiva, operando uma ética de valorização das escolhas e daquilo que é compartilhado. As demarcações sociais, por sua vez, parecem ser menos valorizadas nesses ambientes, o que importa é se a experiência narrada e a maneira como se coletiviza o conhecimento são capazes de ajudar em uma situação específica enunciada pelas demais usuárias. Nos espaços virtuais com administradores visíveis, as narrativas são filtradas, de maneira que o conteúdo que importa é aquele que serve para a ajuda coletiva.

Essa construção aponta uma saída para muitos problemas que enfrentamos em diversas culturas, é uma outra maneira de lidar com temas como a reprodução, que exige uma maior implicação subjetiva pautada nas negociações que conseguimos estabelecer coletivamente. Esses ambientes ajudam no entendimento dos laços sociais que as tecnologias redesenham na sociedade, e nos atenta a essa produção social pautada em novos modos de entender conflitos morais, conduzida, não só, mas principalmente, pelas mulheres.

Como dissemos anteriormente, o *site Women on Web* é assíncrono, apesar dessa característica, o encadeamento das narrativas cria conexões, uma internarratividade que faz surgir operadores de uma inteligência coletiva, como propõe Lévy (2007): escuta, expressão, decisão, avaliação, organização, conexão e visão. Assim, a operação narrativa, por meio dos operadores que coletivizam as histórias, é capaz de produzir uma ética do cuidado consigo e com o outro, pois, como diz Arendt (2001, p. 188) “todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma história ou contamos uma história a seu respeito”

## **PERCURSOS DISTINTOS PARA UM PROBLEMA COMUM: AS NARRATIVAS NA *WOMEN ON WEB***

As diferentes maneiras de vivenciar o processo de aborto traz, às usuárias que buscam auxílio na página, múltiplas paisagens, pois não existem receitas prontas: muitas sentem dor, outras tantas não sentem nada, algumas sentem ânsia, outras fome. Apesar de ter, no site, um protocolo para uso do medicamento, as condições diversas em que essas mulheres se encontram as fazem, muitas vezes, adaptar esse protocolo, e isso pode funcionar ou não. Algumas ficam internadas, mas só algumas. Uma chora, outra sorri. São muitas as aliviadas e muitas com medo também — cadeia, morte, e se falhar, o que eu faço? — Essas experiências de aborto ilegal, da busca do medicamento ao procedimento, são vivenciadas de modo distinto e contextualizadas nas narrativas, e isso faz com que o percurso de uma possa vir a carregar algo em comum com o percurso de outra. Saber disso é, muitas vezes, essencial na experiência do aborto, uma vez que uma mudança emocional implica, também, em uma mudança no domínio da ação (Maturana, 2009).

Ler os relatos de outras mulheres que passaram pela mesma situação que eu me deu muita força neste momento tão difícil. Então escrevo este relato para você, para te confortar de alguma forma. (História 2 - *Women on Web*)

O que me ajudou foram os depoimentos e poder conversar com outras pessoas. (História 3 - *Women on Web*)

Ler vários casos que deram (*sic.*) certo foi fundamental, mesmo sem fazer ideia de como eram aquelas pessoas, me proporcionaram um conforto e me incentivaram como nenhuma outra pessoa conhecida podia fazer. (História 4 - *Women on Web*)

Vimos nos relatos das narradoras a importância do compartilhamento em sua vivência do aborto. O anonimato e o foco na narrativa trazem um emocional que abre a própria ação de narrar. Assim, o narrar ressignifica o vivido, pois foi por meio de relatos anteriores que suas próprias narrativas ganharam conexão e que elas próprias se dispuseram, também, a tornar-se narradoras.

Nessa rede de narrativas, evidencia-se que a experiência é densamente conectada com a transmissão. É no momento da transmissão (do narrar para outras) que ocorre a apropriação do vivido que se atualiza como experiência. É no ato de se colocar a responsabilidade de narrar e fazer passar ao outro o vivido que se abre a possibilidade de que uma experiência se atualize (Benjamin, 1996). Nesse ponto já é possível identificar alguns operadores de constituição de um coletivo, como: a escuta (o fato de ter acesso à leitura dos relatos); a expressão (a ação de produzir sua própria narrativa); ambos os processos abrem viabilidades de conexão entre narrativas, produzindo, assim, uma intertextualidade; a avaliação — movimento de expressão de ideias e sentimentos, como a sensação do conforto enunciada na narrativa.

O modo como alguém narra explicita uma singularidade, cada narrativa produz uma versão estilística, traços de quem narra são inscritos na narrativa, produzindo, assim, uma versão do acontecido. O acontecido é atualizado a partir das palavras em sequência, as quais, por sua linearidade, deixam brechas para outras narrativas se conectarem. Conectar-se a uma narrativa de sucesso ou fracasso no procedimento pode possibilitar tensionamento, uma perturbação do *status* atual, modificando a maneira como o problema é encarado. A relação com a *práxis* do aborto interferirá diretamente nessa rede de narrativas. Vemos, pelas diferentes narrativas, modos diversos de enfrentar a problemática ligada ao histórico particular de cada história. Assim, o narrador pode atuar como conselheiro ou, até mesmo, como terapeuta, ao compartilhar sua experiência e essa se conectar ao outro, como nas histórias que seguem, que abrem espaço para uma reflexão das diferentes maneiras como a problemática se manifesta.

Os relatos expressam a importância do compartilhamento da vivência do aborto. Essas trocas entre sujeito e mundo dependem da prontidão para a ação de cada um (Maturana, 2009); assim, a maneira como essas narrativas vão participar da experiência do aborto de cada uma também dependerá diretamente de sua história, de como seus modos de viver afetaram suas interações e construíram sua realidade.

Sem sabermos da minha gravidez, uma semana antes eu e ele estávamos conversando quando surgiu o assunto 'Aborto', ele perguntou minha opinião, eu disse que era contra, pois fui criada em uma família católica e conservadora, que achava que se acontecesse comigo, não pensaria nessa hipótese, pois ia contra meus princípios e que não ia saber lidar com as consequências do depois. Ele disse que era a favor, por alguns motivos. Na hora, lembrei-me dessa conversa e pensei o quanto a vida nos surpreende e que quando acontece com a gente, a história é diferente. (História 5 - *Women on Web*)

Vemos com o relato que, quando atuamos no campo abstrato, distanciado de uma cognição incorporada, é mais fácil estabelecer posicionamentos pautados em normas produzidas socialmente, pois há uma diferença entre o julgamento e a ação, uma vez que no julgamento não encarnado a possibilidade de responsabilização perante determinado assunto é, por vezes, limitada. Quando é necessário um movimento corporal pautado em escolhas conscientes, um saber incorporado pode se manifestar. Tal saber implica uma competência ética do agir, no que é possível e desejado no momento. Isso não significa que as mudanças de posicionamento atuam somente como efeito da experiência, e sim como a experiência incorporada e o acesso a outras histórias muitas vezes constroem uma outra possibilidade de pensar e de agir.

Li relatos de mulheres que pediram perdão, em suas orações, por terem abortado. Eu não pedi perdão. Fui ensinada que só se pede perdão por aquilo que a gente se arrepende de ter feito. Eu não me arrependo. Senti alívio. Como já disse antes, não consegui me sentir grávida, só conseguia sentir que havia alguma coisa em mim me fazendo passar muito mal! (História 6 - *Women on Web*)

A declaração de uma não naturalização da gravidez como condição feminina, diante da qual o aborto seria um ato deplorável, pode ser sentida como desconcertante para muitas mulheres. Em entrevista ao jornal *La Tercera*, do Chile, Maturana (1994) fala que uma gravidez começa quando a mulher estabelece uma relação de amor com o filho, e isso pode acontecer, ou não, até mesmo antes de ela estar realmente grávida. Tal operação revela que o amor materno não é algo que se dê de modo natural, é uma produção. A problematização do amor materno atua no discurso da narradora da história abaixo, o que é fundamental para a construção de sua posição em relação ao aborto. Tal amor não ocorreu quando a narradora ficou grávida e desejou abortar, como ela mesmo testemunha em seu discurso:

*[s]empre que expus a minha não vontade em ser mãe, escutava das pessoas que caso isso acontecesse comigo, eu sentiria o amor materno*

*na mesma hora, me sentiria “especial”, e “aposto que você vai ficar toda boba”. Não, eu não senti amor materno, não me senti especial, não fiquei toda boba. (História 6 - Women on Web)*

Não desejar a maternidade, que é concebida como o ideal feminino em nossa sociedade, atuou diretamente nos sentimentos da narradora, na sua escolha pelo aborto e na não culpabilização de si mesma pelo ato. A construção social da mãe acolhedora atua nos discursos de muitas mulheres, mesmo daquelas que abortam, sendo que só a experiência do aborto provocado não é suficiente para alterar uma postura moral diante o fato. Algumas narradoras demonstram profundo arrependimento, outras, ainda que não demonstrem estarem arrependidas, relatam a dificuldade de se desvincular da imagem maternal da mulher na hora da escolha, como ilustram as histórias a seguir.

Ressalto que não é uma decisão fácil, envolve uma série de fatores, especialmente emocionais e religiosos, mas em nossa concepção foi o melhor a ser feito, haja vista que nos prevenimos no ato e lamentavelmente o remédio não surtiu efeito. Ainda assim, tenho um forte desejo em (*sic.*) ser mãe, mas em seu tempo certo! Não recrimino quem faça esse procedimento, desde que ele seja consciente e aconselho minhas amigas próximas de (*sic.*) se prevenir e evitar passar pela experiência que passei, pois não sou a mesma de antes, é muito marcante na vida de um ser humano. Mas está tudo bem comigo! (História 7 - Women on Web)

Rezo todos os dias para Deus não se afastar de mim, para Jesus aumentar a minha fé, e para Nossa Senhora cuidar, com o amor de mãe, do meu filho que está no céu. Não tenho dois filhos, tenho três. E aguardo ansiosamente, o momento, que será planejado, para poder ter outro bebê. Para dar todo amor de mãe que está guardado aqui. Um filho não substitui outro, jamais. Sofro muito em pensar que ele não se sentiu amado enquanto esteve comigo. Por tão pouco tempo ele esteve em mim, mas tivemos nossa ligação, que por crueldade eu interrompi. E hoje, lá do céu, eu sei que ele pode sentir que sim, que eu o amo, assim como amo seus irmãos. (História 8 - Women on Web)

As duas narrativas dizem de mulheres para as quais a experiência de aborto problematiza suas concepções de maternidade, as quais são baseadas, principalmente, em suas crenças religiosas. A experiência maternal relatada pela narradora da história 8 atua de maneira mais incisiva, o que compele a narradora para um grande arrependimento e para um desejo de reparação. Ela vive uma relação conjugal socialmente legitimada, é casada, diferentemente da narradora da história

7, que se encontrava em um namoro recente. A emoção da narradora da história 8 está diretamente ligada ao amor que tem pelos filhos nascidos e à condição matrimonial. Há vontade de uma outra gravidez para reparar o aborto, como se essa reparação só fosse possível por meio do exercício da maternidade novamente. No relato a seguir, a mesma narradora evidencia seu papel de mãe e esposa, e a relação com seu marido, um potencializador da culpa, pois ambos constituem uma família nuclear, mas esse atua como agente secundário na responsabilização do ato, já que compete à mulher a responsabilidade pelos filhos.

Na noite do mesmo dia, eu já estava transtornada. Cheguei em casa brigando com meu marido, e foi assim também no outro dia, e naquela semana. Eu não me perdoava pelo que eu fiz, não perdoava meu marido que me deixou fazer essa coisa abominável. Eu havia matado meu filho! Eu, que era a mãe dele, eu quem devia o proteger, não zelei por aquela vida tão frágil. Não havia órgãos formados, não tinha forma humana ainda, mas era uma vida. (História 8- *Women on Web*)

Os diferentes padrões de narrativas, tanto o que toma o aborto como alívio, como o que relata a dificuldade dessa decisão, bem como o de arrependimento e de culpa, abrem brechas para diferentes intertextualidades. Essas diferentes posições narrativas podem ser pensadas como um fator de proteção, pois fornecem padrões de enfrentamento e dos efeitos vividos por mulheres diante de tal decisão. As narrativas dão ensejo a uma variedade de possibilidades, colocando as leitoras diante de um leque de experiências. As trocas, via esse sítio da *web*, e a abertura que o espaço produz, no compartilhamento de histórias, possivelmente trazem contribuições para problematizar o atual cenário do aborto, e essa talvez seja a única política específica para a redução de danos para mulheres que não têm possibilidade de acesso a grupos de ajuda, em caso de aborto provocado. Não se trata de uma política pública de saúde, pois sabemos que esse debate ainda caminha a passos lentos dentro das instâncias de governamentalidade, e sim de uma política coletiva de cuidado, construída por diferentes mulheres, organizadas ou não.

As diferentes posições em relação ao aborto também são descritas na literatura. Em uma revisão sobre o aborto e a saúde mental das mulheres, Aznar e Cerdá (2014) salientaram o fato de haver resultados distintos em pesquisas sobre transtornos psicológicos diretamente ligados ao fato de abortar. Para os autores, não é possível identificar uma síndrome pós-aborto, uma vez que não há sinais e sintomas específicos que constituam a mulher que aborta, sendo que a sua resposta ao aborto está diretamente ligada ao tipo de relações que estabelece:

um dos fatos que pode influenciar mais decisivamente para avaliar a existência ou não de uma relação entre aborto e problemas de saúde mental da

mulher que abortou é a percepção que ela pode ter do que significa aborto. O sentimento de culpa atua, assim, como uma possível causa de distúrbios na saúde mental da mulher que abortou, como já foi considerado por alguns autores... A percepção da mulher de que o aborto acabou com a vida de um ser humano, neste caso um filho dela, pode ser um fator importante, se não decisivo, para desencadear os distúrbios psicológicos que podem ocorrer após o ato. Entretanto, nem todas as mulheres têm esse tipo de reação emocional, mostrando, em alguns casos, uma sensação de alívio após o aborto. Esse contraste de efeitos colaterais, desordem psicológica ou sensação de alívio, deve ser fundamentalmente condicionado pela percepção do senso ético que a mulher tem do que fez. (Aznar & Cerdá, 1994, p. 194, tradução nossa)

Apesar dos casos de arrependimento estarem presentes nas histórias da página, eles não constituem a maioria dos relatos, as histórias de alívio perante o sucesso do aborto compõem com maior intensidade o campo de emoções relatadas no site. Mesmo que muitas tragam em seu discurso a dificuldade emocional perante o fato, essas dificuldades, em sua maioria, se relacionam à ilegalidade do aborto. Isso pode ocorrer nesse site por ser um lugar de consolidação de ideias feministas sobre a gravidez, sendo que não pode ser usado como base para universalização da ideia de alívio ou culpa. Vemos indícios disso nos discursos sobre direitos das mulheres em vários dos relatos, e estar inserida nesse debate pode ter sido fundamental para a incorporação do alívio no sentimento posterior ao aborto.

Gostaria de não ter isso na minha história, mas tenho. Sempre vou pensar nisso, mas não como um erro: como uma escolha difícil que tive que fazer e da qual não me arrependo. E teria sido menos difícil e dramática se tivesse sido um procedimento legal. (História 9 – *Women on Web*)

Mulheres, meninas, digo por mim, foi a experiência mais dolorosa e devastadora que vivi até hoje, nem quando criança que fui abusada me senti tão envergonhada como esta atitude que tomei (*sic.*), mas como disse é uma experiência que levarei para todos os dias de minha vida, não de arrependimento mas de tristeza por ter que passar por isso [...] e deixo aqui meu depoimento a tantas e tantas outras marías que passaram e passarão por isso uma vez ou outra na vida, muitas das vezes pelo peso de ser MULHER, passou comigo (*sic.*) e você em seu momento de desespero também passará. Apenas desejo do fundo do coração que as que forem passar como passei em casa por meio de medicamentos passem amparadas de amor e que corra tudo bem como aconteceu comigo [...] beijo e abraço a todas [...] nós que somos ilegais em um país tão injusto com a nossa raça MULHERES. (História 10 – *Women on Web*)

Fico muito triste com as mulheres que acabam tendo que levar uma gravidez indesejada adiante por falta de grana, por falta de amparo. Sei o quanto nossa saúde pública é deficiente e as que dependem dela se sentem muito

inseguras. Somos tratadas com tamanha injustiça e machismo, mas temos como companhia umas às outras, pois ninguém melhor para entender nossas dores como quem passou por ele (*sic.*), ou quem pelo menos tem no caráter a delicadeza de se pôr no lugar do outro. (História 6 – *Women on Web*)

Sempre fui a favor do aborto, acho injusto as mulheres ricas fazer e as pobres morrer cada dia mais uma e mais uma por uma lei baseada na igreja se o país é laico. (História 11 – *Women on Web*)

Os relatos anteriores trazem uma operação avaliativa ao partilharem não somente sentimentos e saberes em relação ao aborto, mas ao incluírem um pensamento sobre a própria condição das mulheres, um pensamento crítico sobre a condição feminina. Esses compartilhamentos e o acesso às histórias de aborto podem fazer emergir micro identidades mais abertas a uma militância por mudanças sociais efetivas. Não há, porém, como afirmar, somente com base nessas narrativas, que essas mudanças possam gerar uma ação coletiva ou um movimento organizado que extrapole a problemática individual, mas vemos que essas pequenas perturbações podem atuar no ativismo dentro da *web* e na abertura a outros discursos.

No sítio explorado nesta pesquisa, a percepção de que o sentimento de situação-limite está ligado à ilegalidade do aborto vem ao encontro de outras pesquisas qualitativas sobre o assunto. Beraldo, Birchall e Mayorga (2017), em seus estudos com mulheres que abortaram, falam de um sentimento recorrente de alívio, principalmente entre aquelas que tinham ideias feministas. Para os autores, o feminismo representa “um suporte para a decisão, amenizando possíveis sentimentos de culpa ou remorso” (p. 1154). Essa ideia sobre o feminismo como fator de proteção pode se dar pela informação, presente em muitos dos discursos, do movimento, em relação à maternidade, que possibilitam outras figurações do ser mulher no mundo.

Quando uma pessoa possui conhecimento sobre determinado aspecto e acesso a outras histórias, sua autonomia de decisão é incrementada, uma vez que as informações constituem os posicionamentos que tomamos perante as situações. Informações, pautadas em movimentos de mulheres, sobre os aspectos biológicos e históricos da gravidez e do aborto e a leitura de narrativas que criam conexões, como as narrativas disponibilizadas pelos sítios da *web* estudado nesta pesquisa, podem fornecer maiores condições de escolha e menos sofrimento, pois essa informação permite uma decisão mais consciente, seja para a realização ou não de um aborto.

Vale ressaltar que as redes sociais e sítios de trocas podem inserir nesse percurso a diferença, já que nela se configuram diversas maneiras de compor o mundo e a possibilidade de construção coletiva. Essa diferença pode ser fundamental na produção de um outro jeito de as mulheres se relacionarem com a questão do aborto, já que amplia a capacidade de aprendizagem sobre esse domínio.

Nessas bases, encontramos dados de inúmeras experiências compartilhadas que atualizam a maneira como a mulher que procura ajuda vivenciará cada momento, elas operam como um espaço de reflexão, que nos termos de Lévy (2007) pode ser chamada de visão. A visão pode ser fundamental para ampliar as possibilidades de ação. Essas histórias são acessadas, na maioria das vezes, por outras mulheres que buscam informações para o procedimento, que já o realizaram e buscam conforto em outras histórias ou, ainda, que adquiriram uma expertise que as faz capazes de atuar como fonte de saber e cuidado para outras mulheres. As trocas no ambiente on-line são capazes de atuar como mediadoras emocionais, uma vez que o contato com outras histórias possibilita aprendizagens que compõem a maneira como se vivencia a situação e uma naturalização do processo, não no sentido daquilo que é iminente à situação e sim daquilo que pode ocorrer, que é “comum”. Muitos são os relatos de mulheres que encontraram apoio em outras histórias sem ter o contato direto com o agente da narrativa, como nos exemplos a seguir.

Eu não ia fazer o relato, pois queria esquecer tudo o que aconteceu, mas li muitos relatos aqui, relatos tristes de mulheres que sofreram muito, sem informação correta, sem ajuda, mulheres que tiveram que repetir o procedimento. (História 12 – *Women on Web*)

De alguma forma quero oferecer às mulheres que vêm em busca de informação neste site um amparo, um apoio que confesso que encontrei lendo o relato de várias por aqui. (História 13 – *Women on Web*)

Eu agradeço a *Women on Web* e todos os relatos. Foram de grande apoio para mim. [...] Seu corpo se entende com você. (História 14 – *Women on Web*)

Os excertos acima evidenciam que o compartilhamento de histórias possibilitou a essas mulheres a criação de um percurso de abortamento mais confortável, uma vez que trocas foram possíveis nesse mundo virtual onde o tema não é tratado como tabu. As narrativas também apontam para um indício de cuidado, visto que a mulher que encontrou conforto nas histórias de outras retorna ao sítio para também compartilhar sua história e oferecer ajuda. O retorno para partilhar a história é uma implicação individual, mas evidencia a operação de constituição de um plano comum, posto que a narrativa se tornou possível pela força coletiva que constitui e mantém o funcionamento da página da *web*. As histórias só estão no sítio pois há um movimento conjunto de vários agentes humanos e não humanos na manutenção do cuidado. “É precisamente essa dupla mobilização subjetiva,

bastante individual de um lado, mas ética e cooperativa de outro, que o universo burocrático e totalitário é incapaz de suscitar” (Lévy, 2007, p. 21).

Ao olharmos o conteúdo e os padrões dessas narrativas, entendemos que o espaço no qual são compartilhadas é possível pela organização de comunidades de ativistas feministas. Quando uma mulher que procura realizar o procedimento começa a navegar na rede em busca de informações, ela se depara com inúmeras possibilidades (muitas das quais suportadas pelo ativismo feminista), eventos organizados, grupos de ajuda, hashtags e discussões políticas, que inserem a problemática para além de um drama individual.

A própria página que compõe o campo empírico desta narrativa é fruto de movimentos maiores. A página *Women on Web* possui, além do projeto *Eu fiz um aborto*, que compartilha essas histórias, a iniciativa *Eu preciso fazer um aborto*, que fornece um serviço *on-line* de orientação para mulheres que vivem em lugares onde o aborto é proibido, incluindo aconselhamento médico para diminuir as complicações do aborto inseguro. Tal sítio é organizado por grupos consolidados, que tratam da temática como um problema de saúde global. Para além da procura por ajuda nas páginas, a *web* fornece uma variedade de possibilidades de construção de redes de apoio que não estão ligadas às organizações, como os sítios de troca, mas que partem de movimentos autônomos pela articulação virtual e que são capazes de promover ações coletivas maiores. Um exemplo dessas ações é o uso da hashtag *#biblianaoeconstituicao*, que ganhou a rede no final de 2019, sobre o qual tratamos a seguir.

## **ENTRE AS REDES DE CUIDADO E HATERS - O CUIDADO EM 240 CARACTERES**

As transformações técnicas alteram os modos de narrar. Assim, as narrativas contemporâneas são afetadas por esses modos *on-line* de compartilhamento de sentidos e trocas de experiências (Migliano, 2018), sendo a *internet* um importante instrumento de ação coletiva. As narrativas na *web*, muitas vezes, passam por uma transformação, uma vez que precisam se adequar às configurações dos sites e plataformas. Esse é o caso do *Twitter*, no qual os usuários precisam se expressar — atualmente — em 240 caracteres. Apesar da limitação textual, as informações na rede atingem uma grande parcela de leitores e são capazes de promover, rapidamente, o acesso a uma notícia.

As mídias sociais têm oferecido um potente e controverso espaço de coletivização do saber e de visibilidade de outros discursos, que têm fortalecido debates políticos acerca de diferentes temas sociais. Como contraponto, vimos emergir nos últimos anos um fenômeno importante nas experiências tecnológicas em rede, os *haters*. Impulsionados por uma “causa” ou, ainda, por grupos com interesse

políticos e econômicos, os *haters* se apresentam em diversas situações com intuito de intimidar ou desqualificar uma pessoa através da ação de superficializar o debate em torno da problemática.

Essas e outras linhas de forças — como todo o aparato tecnológico que possibilita a criação de coletivos *on-line* — atuam no espaço da *web* e modulam as narrativas, se utilizando de ferramentas específicas para organização e comunicação de pessoas que procuram por um tema no ciberespaço. Um exemplo desse modo de organização é a utilização de *hashtags* (#) como marcadores de temas em redes sociais. Essas *hashtags* permitem aos usuários atualizarem, em tempo real, as últimas interações sobre determinado assunto e se manterem ativos no debate.

A *hashtag* *#biblianaoeconstituicao* ganhou notoriedade nos últimos meses de 2019, principalmente no *Twitter*, tratando sobre o direito ao aborto. A expressão foi uma reação à campanha “40 dias pela vida”, inspirada em um movimento do Texas e concretizada por ativistas antiaborto em uma tenda diante do Hospital Pérola Byington, em São Paulo, para “vigília e oração” aos gritos de “vida sim, aborto não”.

Segundo notícias veiculadas na mídia, uma mulher que acessou o hospital, que é referência no acolhimento de mulheres vítimas de violência, foi hostilizada pelos manifestantes em vigília, o que gerou um contramovimento no mesmo lugar. Moradores próximos ao hospital armaram outra barraca com o intuito, então, de proteger pacientes e profissionais de serem abordados pelo grupo antiaborto. Para os organizadores da vigília religiosa, os novos manifestantes agiram de forma hostil, sendo o grupo “duramente confrontado por grupos feministas”, de acordo com notícia, veiculada na página oficial da Assembleia Legislativa de São Paulo, sobre a atividade parlamentar da bancada do PSL na vigília. Na página do grupo no *Facebook*, são disponibilizados alguns vídeos da “vigília de oração”.

O surgimento dos conflitos levou a uma campanha, via *web*, para angariar voluntários para a tenda do contramovimento, a fim de garantir conforto aos pacientes e funcionários do hospital. A *hashtag* *#biblianaoeconstituicao*, usada para esse fim, foi propagada principalmente por meio do *Twitter* depois que ambas as campanhas tinham ganhado notoriedade e ações, que infringiram outros direitos dos pacientes, estavam sendo chamadas pela *web*. Segundo uma moradora que ficou à frente da organização, a tenda do contramovimento mantinha em torno de 20 pessoas dispostas a ajudar. Artistas e pessoas influentes utilizaram a *hashtag*, potencializando a visibilidade e a adesão de voluntários à campanha. Muitos se mobilizaram, e a tenda permaneceu no local até o final da vigília contra o aborto, realizando outras campanhas paralelas. Graças à força do movimento para arrecadar doações e voluntários, foi possível comprar barracas aos moradores de rua da praça, que vendo o movimento começaram, também, a permanecer na tenda em alguns momentos.

Anterior a isso, tivemos, em 2013, as ‘Jornadas de Junho’, que se articularam principalmente nas redes virtuais, impulsionadas por um tema amplo — a cor-

rupção — que foi facilmente capturado por grupos de diversos posicionamentos políticos. A pauta específica — o direito ao acesso ao hospital sem constrangimento — movimentou pessoas que, de alguma maneira, já estavam articuladas com a demanda, ainda que por diferentes vias. Conforme indicam os conteúdos compartilhados via *hashtag*, o clima na tenda era de companheirismo, com grupos de bordadeiras e comidas coletivas, rodas de conversas e outras atividades que, possivelmente, ajudaram a visibilizar o trabalho do hospital e o acesso aos serviços pelas pessoas que procuravam atendimento.

O clima no lugar pode ser descrito como um clima de parentesco, no sentido que Donna Haraway (2016) descreve — aquele que se estabelece nas relações diretas — e não por laços genéticos, como passou a ser configurado após o século XVII. O parentesco, nesse sentido, constitui laços que podem ser enatados e que necessitam de uma certa intencionalidade. Nesse caso, estabeleceram-se laços de cuidado entre a comunidade que mora próxima ao hospital e os pacientes e funcionários que acessam o local. Esse laço se estendeu para outros grupos que compartilhavam o posicionamento, por meio das narrativas da web, também participando da tessitura da rede de cuidado no local.

Esse é um exemplo de como a *internet* tem se mostrado efetiva para atuar em pautas específicas, e nesse caso em uma pauta alinhada ao direito do aborto legal. A *hashtag* impulsionou debates nas redes sociais, ganhando força para além do espaço virtual, uma vez que moveu grupos a estarem presentes no hospital e atuar diretamente para que as pessoas que acessaram o local não passassem por outro constrangimento. O percurso do aborto legal é cheio de entraves, e o Hospital Pérola Byington é referência em qualidade nesse atendimento, atuando principalmente nos casos de violência sexual. A ação coletiva dos moradores partiu de uma mulher e ganhou notoriedade na rede, principalmente entre coletivos e mulheres cibertivistas, movimentando muitas pessoas até o local. Esse é um exemplo de como as narrativas, no espaço virtual, alteram e modulam ações concretas para além da rede.

Com isso, destacamos que o que emerge nas páginas, grupos, plataformas e fóruns, com temas relacionados ao universo de problemas que constituem a condição de mulher atualmente, está ligado a um modo de afirmar uma outra maneira de estar no mundo. Para além da resistência que as mulheres protagonizam quando decidem por um aborto, as redes formadas em torno da problemática afirmam, acima de tudo, outras maneiras de lidar com os temas da maternidade e da sexualidade. Na *web*, muitas vezes, os espaços privilegiados de comunicação se borram, e várias maneiras de enatuar mundos conseguem se movimentar entre os lugares que socialmente são oferecidos na manutenção do privilégio epistêmico. Esse movimento de papéis é possível, na *web*, pois a maneira de narrar constitui, com mais intensidade, o campo de forças das relações *on-line* do que o *status* social, ainda que ancoradas por ele.

Cabe ainda considerar que o provimento das plataformas na *web* é mantido por corporações poderosas que detêm o controle das informações, podendo restringir as possibilidades de acesso, de troca e de compartilhamento. Ainda em 2019, o *site The Intercept Brasil* notificou que

[d]ois dos maiores provedores de *internet* do Brasil — a *Claro*, dona da *Net*, e a *Vivo* — bloqueiam o acesso ao *Woman on Waves*, *site* que reúne informações sobre aborto seguro. A censura foi identificada em um mapeamento mundial sobre bloqueios de *internet* feito pelo ‘Observatório OONI’ em parceria com a ‘Coding Rights’, organização que pauta direitos humanos e questões de gênero na tecnologia, a que teve acesso com exclusividade. Além do Brasil, só o Irã e a Turquia censuram o *site*. (Braga, 2019, *online*)

O acesso à informação adequada nos casos de aborto por opção pode ser essencial para amenizar os riscos do procedimento. A reportagem relata que, em 2016, o *site* teve mais de um milhão de acessos, em 2019 esse número passou para aproximadamente 357 mil acessos devido ao bloqueio. Atualmente, a página se encontra ativa. Quando uma mulher decide fazer o aborto e procura por informações na *web*, ela se depara com uma infinidade de páginas, que muitas vezes não são confiáveis, para levantar informações sobre o procedimento. O bloqueio de uma página específica, que atua principalmente para diminuir os riscos e complicações de aborto provocado, não vai impedir que a mulher que está decidida aborte, apenas implicará que o faça com mais riscos. A quantidade de medicamentos, o tempo de gestação, os exames para diagnosticar uma gravidez ectópica, e o uso correto das pílulas são informações presentes no *site Woman on Waves* e que estão de acordo com protocolos da OMS e são essenciais para diminuir o risco de complicações e morte. A investida contra as organizações que atuam para assegurar o direito das mulheres ao aborto seguro demonstra a importância desses movimentos coletivos na efetivação do acesso à informação.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As narrativas compartilhadas nos sítios acompanhados dizem de uma diversidade de experiências em relação ao aborto provocado, englobando emoções, posicionamentos morais e diferentes encadeamentos do tema na história de vida de cada mulher que conta a sua história. No que concerne a essa diversidade, é interessante observar um exercício ético que ali torna-se comum: o cuidado com a própria vivência, ao constituí-la como experiência narrada, e o cuidado com outras mulheres, à medida em que se pode adverti-las a respeito de questões importantes, ou mesmo colocar-se ali como uma interlocutora sem julgamento.

Esse espaço de trocas tem o potencial de intervir na produção de saúde, dentro do praticável em suas limitações, aparando arestas dos prejuízos da ilegalidade e da falta de amparo do Estado às mulheres. Além disso, as experiências que circulam no coletivo podem expandir as possibilidades de ação entendidas como relativas às mulheres: rede de apoio, religião, maternidade, e outros temas tornam-se objeto de atenção compartilhada.

O fato de o site analisado neste trabalho não funcionar por meio de interação em tempo real possibilita uma prática diferente de outros espaços na *web*. Caberia, em um futuro estudo, analisar esse efeito nas transformações de posicionamento das usuárias em cada um dos temas supracitados.

A ética, na perspectiva que sustenta este trabalho, é prioritariamente constituída por saberes incorporados, pré-reflexivos, mais do que a correspondência totalizante em relação a princípios morais. Isso evidencia-se na presença de discursos religiosos no *site* e até na mudança de posicionamento em relação ao aborto, dada a iminência de uma gravidez indesejada. Os saberes que forjam o sujeito que responde eticamente às situações se constituem nas suas vivências. A leitura das experiências de outras mulheres e o narrar da sua própria integram, então, esse repertório, transformando o domínio de ações do coletivo que sustenta as interações da plataforma.

O conhecimento presente no sítio da *web* estudado e nas narrativas compartilhadas atua de maneira significativa nas experiências de aborto provocado. Consideramos, durante a escrita deste trabalho, a importância do acesso à informação segura para prevenção de mortes e agravos pelo procedimento. Temos, hoje, no âmbito da saúde, iniciativas para que as políticas voltadas às pessoas que engravidam não se limitem à reprodução de informações sobre métodos contraceptivos, e sim que ofereçam espaço de escuta e redução de danos nos casos de gravidez indesejada (Instituto de Bioética - ANIS, 2021).

Essas iniciativas se pautam na importância de acesso a informações, o qual, por vezes, esbarra na legislação restritiva e na desinformação dos profissionais de saúde, atuando de modo que o aborto provocado ocorra “não somente de forma ilegal, mas também de forma insegura” (ANIS, p. 6), afastado dos ambientes de saúde legitimados. Assim, a busca na *web* é uma ferramenta importante para fomentar o apoio que, muitas vezes, é inviabilizado no espaço de saúde às pessoas que enfrentam uma gravidez indesejada.

Reforçamos que, apesar de importantes, os espaços via *web* não são suficientes quando se trata da problemática do aborto provocado, dado o número de mortalidade materna em decorrência do aborto, principalmente nas camadas sociais em vulnerabilidade. Assim, se torna necessário, ao pensar políticas para pessoas que engravidam, viabilizar não somente o acesso à capacitação de profissionais, mas também espaço de discussão e desmistificação da prática, como uma maneira de responsabilização ética do profissional de saúde frente às demandas sociais.

## REFERÊNCIAS

- Authier, M. & Lévy, P.** (1995). As árvores de conhecimentos. Escuta.
- Instituto de Bioética - ANIS.** (2021). *Gravidez indesejada na Atenção Primária à Saúde (APS): as dúvidas que você sempre teve, mas nunca pôde perguntar/Anis – Instituto de Bioética, Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade.* LetrasLivres. [https://www.sbmfc.org.br/wp-content/uploads/2022/04/CARTILHA\\_FINAL-Gravidez-Indesejada-na-APS.pdf](https://www.sbmfc.org.br/wp-content/uploads/2022/04/CARTILHA_FINAL-Gravidez-Indesejada-na-APS.pdf)
- Arendt, H.** (2001). *A condição humana.* Forense.
- Aznar, Justo & Cerdá, German** (2014). Aborto y salud mental de la mujer. *Acta bioethica*, 20(2), 189-195.
- Benjamin, W.** (1996). O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política* (pp. 197-221). Brasiliense.
- Beraldo, Ana; Birchal, Telma, & Mayor-ga, Claudia** (2017). O aborto provocado: um estudo a partir das experiências das mulheres. *Estudos Feministas*, 25(3), 1141-1157.
- Braga, N.** (2019). Net, Claro e Vivo bloqueiam acesso a site com informações sobre aborto seguro. *The Intercept Brasil.* <https://www.intercept.com.br/2019/12/12/net-claro-e-vivo-bloqueiam-site-aborto-seguro/>
- Diniz, D., Medeiros, M., & Madeiro, A.** (2017). Pesquisa Nacional de Aborto 2016. *Ciência e Saúde Coletiva*, 22(2), 653-660.
- Haraway, D. J.** (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene.* Duke University Press.
- Lévy, Pierre** (2007). *A inteligência coletiva.* Loyola.
- Mattar, R.** (2012). Breve reflexão crítica sobre a inclusão da temática do aborto nos cursos médicos. *Ciência e Cultura*, 64(2), 44-45.
- Maturana, Humberto** (1994). “El aborto es legítimo”. [Entrevista cedida a] Patricia Bravo. *La Tercera*, 6-7. <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-203289.html>
- Maturana, Humberto** (2009). *Emoções e linguagem na educação e na política.* Editora UFMG.
- Migliano, M.** (2018). Fragmentos de narrativas em práticas de sororidade nas redes sociais digitais. In *Anais do Congresso Internacional sobre Culturas Memórias e Sensibilidade*, 4. UFRB. [https://anais-comunicon2018.espm.br/GTs/GTPOS/GT5/GT05\\_MIGLIANO.pdf](https://anais-comunicon2018.espm.br/GTs/GTPOS/GT5/GT05_MIGLIANO.pdf)
- Monteiro, Talita Gonçalves** (2020). *Ética e cuidado em narrativas de aborto na Web* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS].
- Rolnik, S.** (2011). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.* Sulina.
- WOMEN ON WEB.** (2016). “Fiz um aborto”. Women on Web. Disponível em <https://www.womenonweb.org/pt/page/488/fiz-um-aborto>